

A glamourização de transtornos psicológicos na mídia¹

Ana Cláudia Monteiro DUTRA²

Maria Carolina Maia MONTEIRO³

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Transtornos psicológicos foram – e são – mal representados pela grande mídia e, apesar das exceções, muitas obras perpetuam estigmas e estereótipos. Estereótipos esses que prejudicam um grupo social inteiro. O objetivo desse trabalho é entender o impacto que essas representações romantizadas – e mais posteriormente, glamourizadas – podem ter na sociedade, compreender a origem desse fenômeno, justamente com sua motivação e, a partir desse referencial, criar um ensaio fotográfico afim de fazer refletir sobre o modo que a sociedade enxerga e lida com a questão de doenças psicológicas. Como resultado, o trabalho cumpre um objetivo duplo ao levantar a discussão sobre a glamourização e romantização de transtornos mentais, e ao apresentar um conjunto de imagens que abordam as questões aqui levantadas.

PALAVRAS-CHAVE: glamourização; romantização; transtornos psicológicos; fotografia; semiótica.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O trabalho começou com um levantamento bibliográfico sobre o papel da mídia de massa enquanto agente socializador e como a representação infiel de transtornos psicológicos na mídia possui um efeito social estigmatizante, a fim de analisar a influência que a mesma exerce sobre a sociedade. Em seguida, ao aprofundar no conceito de Aniquilação Simbólica, as pessoas que sofrem de transtornos psicológicos são estabelecidas como, de fato, um grupo social minoritário cuja representação na mídia é de extrema importância para a sua existência social.

Em segundo momento, se sente a necessidade de realizar uma busca pelo histórico das representações de transtornos durante a história do audiovisual, fazendo

¹ Trabalho apresentado na IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Graduanda em Fotografia da Unicap-PE, e-mail: claudia.monte@outlook.com.br.

³ Doutora em Design, orientadora do trabalho e professora do curso de Fotografia da Unicap-PE, e-mail: carolina.monteiro@unicap.br

uma análise sobre períodos da história do cinema, indo do Expressionismo Alemão até os dias de hoje e às séries de TV, a fim de exemplificar a realidade enganosa dessas representações na mídia de massa durante as últimas décadas.

A partir dessa contextualização, faz-se pertinente também comentar sobre o papel das redes sociais na criação de novas subculturas e como, enquanto plataformas midiáticas, contribuíram para essas subculturas enxergarem os transtornos psicológicos com glamour, dentro do conceito de “Sofrimento Belo”. Logo, percebe-se que o surgimento de uma nova subcultura, interessada em consumir conteúdo que retrate transtornos psicológicos, criou um nicho no mercado audiovisual, cujo qual, segundo o conceito de Industria Cultural, busca simplificar o produto, a fim de atingir o consumo de massa.

Por fim, o estudo leva à produção de um ensaio fotográfico sobre o problema apresentado, juntamente à uma análise semiótica de cada imagem, afim de aprofundar a discussão, na busca de causar um desconforto visual.

MÍDIA DE MASSA, SOCIALIZAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE

A ficção, nas mídias visuais, apesar da existência de exceções, é responsável por representações supostamente precisas do modo através do qual a sociedade se enxerga; ou seja, funciona, também, como um mecanismo para disseminação da desinformação e o perpetuamento de estereótipos, como, por exemplo, o estereótipo de que pessoas que sofrem de transtornos psicológicos possuem predisposição à agirem violentamente. Isso se dá pelo papel da mídia de massas como um dos agentes no processo de socialização.

Segundo Ramos (2003), o processo de socialização pode ser definido como o processo onde o indivíduo internaliza normas, valores e comportamentos de suas comunidades, e que, também, molda a sua visão de mundo e o modo em que ele se relaciona com outros indivíduos. A socialização acontece por meio de agentes de socialização, e esse processo é o responsável pela integração desses indivíduos nos grupos sociais em que nasceram. Savoia (1989) classifica esses agentes em três grupos: a família, a escola e os meios de comunicação em massa. Sendo esse um processo que dura a vida inteira, o indivíduo é exposto repetidamente à essas regras comportamentais e ideias, até que essas mensagens sejam apoderadas pelo próprio indivíduo.

A mídia de massas ganhou, no seu papel como agente socializador, grande ênfase após a Revolução Digital e, portando de um imenso poder de influência por sua facilidade de reprodução e pelo seu grande alcance, a mídia de massas não só dita o que é relevante, como também reproduz crenças que, por persuasão e repetição, são apropriadas pelos indivíduos.

Nessa perspectiva, dentro da ficção, personagens que possuem algum tipo de transtorno psicológico são tratados apenas como entretenimento, tendo papéis violentos ou cômicos, por exemplo, ambos justificados pelas doenças; e representados como desprovidos de direitos, sem identidade social, ou seja, seus traços característicos se limitam ao transtorno que possuem e não são tidos como um indivíduo em si e socialmente funcional.

O filme *Fragmentado* (2016), por exemplo, dirigido e escrito por M. Night Shyamalan, é um terror psicológico que conta a história de um homem com Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI), que possui 23 personalidades diferentes. No decorrer do filme, ele sequestra três adolescentes e se mostra capaz de alternar as suas personalidades quimicamente com a força do pensamento. Em uma crítica sobre o filme, Chris Alter, que sofre de TDI, descreve o filme como disseminador de informações falsas, alarmante, discriminatório e estigmatizante; e ainda denuncia o personagem por ser um vilão apenas por possuir TDI⁴.

Representações unidimensionais de pessoas com transtornos psicológicos legitimam a visão sobre indivíduos como sub-humanos. Em 2003, Donald L. Diefenbach e Mark D. West (2007) realizaram uma pesquisa no conteúdo dos programas de horário nobre dos quatro maiores canais da televisão americana. Em 84 horas de conteúdo analisado, 29 personagens foram identificados como portadores de transtornos psicológicos. Desses, 37% poderiam ser classificados como criminosos violentos. Nesses mesmos programas, cerca de 2 mil personagens não possuíam transtornos psicológicos, e apenas 93 deles apresentaram comportamento violento e criminal. Com isso, Diefenbach e West (2007) concluíram que personagens com transtornos psicológicos, na televisão, eram quase dez vezes mais prováveis de serem criminosos violentos do que aqueles que não possuíam transtorno algum, quando na

⁴ Texto disponível em: <https://themighty.com/2017/02/split-movie-did-dissociative-identity-disorder-anger-mental-illness/>. Último acesso em 07/12/2018

realidade, pessoas que sofrem com esses transtornos são mais prováveis de serem vítimas de algum caso de violência do que cometê-lo.

Seja intencionalmente ou não, a mídia “ensina” seus consumidores sobre minorias e grupos sociais, como a comunidade LGBTQ+, mulheres, negros, entre outros; e isso não é diferente com o grupo de pessoas que sofrem de transtornos psicológicos, levando em consideração que “a principal fonte de informação do público sobre doenças mentais é a mídia” (COVERDALE et al., 2002 [citando BORINSTEIN, 1992; PHILO, 1994; KALAFATELIS E DOWDEN, 1997])⁵.

Mesmo depois das redes sociais, a televisão e o cinema ainda são ferramentas poderosas na formação da consciência de um indivíduo, ou seja, como agentes socializadores. Um estudo mostra que as representações de transtornos psicológicos possuem tanta força que podem distorcer as próprias experiências das pessoas que as vivenciam, por conta do modo que elas passam a enxergar transtornos mentais. (EDNEY, 2004, citando PHILO, 1996).

O modo que esses personagens são representados mantêm este grupo, aos olhos da sociedade, como signos ligados às mesmas características pejorativas usadas para representá-los, como por exemplo – tomando como base o recorte de Diefenbach e West – violentos e instáveis.

‘ANIQUILAÇÃO SIMBÓLICA’ E A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE

Além de representações estereotipadas e estigmatizadas, personagens com transtornos mentais ainda são minoria na mídia. Essa ausência de representações pode ser chamada de ‘Aniquilação Simbólica’ - termo utilizado pela primeira vez por George Gerbner, um teórico da comunicação, em 1976, para descrever a falta da representação ou a sub-representação de determinado grupo na mídia. “Representação no mundo da ficção significa existência social; abstenção significa aniquilação simbólica.” (GERBNER e GROSS, 1976, p. 182)

A definição de Aniquilação Simbólica, segundo Merskin (1998), é dada pelo modo em que a produção cultural e as representações na mídia ignoram, excluem,

⁵ Texto original: “The public’s primary source of information on mental illness is the media”.

marginalizam ou trivializam um grupo. Seu conceito gira em torno da ideia de que grupos mais socialmente valorizados tendem a aparecer com mais frequência na mídia, onde os consumidores dessa mídia aprendem sobre as características e o valor agregado a esses determinados grupos pela exposição que possuem. Já quando um grupo não é valorizado nessa mesma esfera social, a mídia de massa tende a, sistematicamente, ignorá-los, isto é, simbolicamente informam ao público do suposto valor social desse grupo – ou melhor, sobre a sua falta de valor.

O sociólogo Pierre Bourdieu (1977) chamou a aniquilação simbólica de “violência simbólica”; um tipo de violência sutil, que despreza a identidade de um grupo. Bourdieu afirmava que a sociedade é suscetível à mídia que consome, e que as normas sociais apresentadas por ela podem ser uma influência para o modo em que seus consumidores se comportam para com o grupo minoritário. Para ele, a invisibilidade e a representação negativa dessas minorias negam sua existência na sociedade, causando, por tanto, a aniquilação simbólica das mesmas.

Esse fenômeno na mídia de massa é preocupante, pois a abstenção da representação ou a sub-representação de um grupo instrui uma grande parcela da sociedade sobre como esse grupo supostamente age e aparenta ser. Ou seja, informa seus consumidores do que é um grupo socialmente valorizado ou não, o que contribui para que esses grupos minoritários sejam apagados da consciência coletiva.

A depressão é tão presente na história que já foi citada como a “gripe” dos transtornos psicológicos (FURMAN & BENDER [citando TURNBULL, 1991]). Além da depressão, a Organização Mundial de Saúde (OMS), indica que o Brasil é o país que mais sofre com transtorno de ansiedade, que tem como maiores fatores de risco a pobreza, a desigualdade, o desemprego e a recessão. Além disso, em um comunicado, a diretora geral da OMS, Margaret Chan (2017), chegou a alertar sobre a necessidade de os países repensarem sua visão de saúde mental e a tratem com a urgência que ela merece. Pode-se, então, classificar portadores de transtornos psicológicos não apenas como uma preocupação da área da saúde, mas também como um complexo grupo minoritário que necessita ter sua existência social reafirmada.

REPRESENTAÇÕES DE TRANSTORNOS PSICOLÓGICOS NA HISTÓRIA DO AUDIOVISUAL

As mídias audiovisuais (Cinema e TV) retratam doenças psiquiátricas em suas obras desde o princípio. No cinema, o expressionismo alemão é conhecido por trabalhar temáticas sombrias e fantásticas e abordou por diversas vezes temas como insanidade, múltiplas personalidades (também chamado por Eisner (1985, p.80) de “desdobramento demoníaco”) e monstros. Um dos mais impactantes filmes do movimento e *O Gabinete do Dr. Caligari* (1920), no qual um médico hipnotista louco, Dr. Caligari, usava um sonâmbulo para cometer assassinatos.

Em um momento pós-Caligari, vários filmes expressionistas apresentaram personagens repletos de maldade e obcecados por poder, como *Dr. Mabuse: O jogador* (1922), por exemplo. Em *História do Cinema Mundial* (2006), ao falar sobre o filme, Laura Loguercio diz que “o destino trágico de Mabuse (Rudolph Klein-Rogge), enlouquecido pela própria frustração, também revela, bem ao gosto dos expressionistas, a insanidade em estado puro.”

Outro movimento da história do cinema que abordou com frequência transtornos mentais foi o *Film Noir*. A temática principal do *Film Noir* é o crime. Os filmes mostram uma sociedade corrompida, em uma atmosfera cruel, fatal e pessimista, com personagens moralmente ambíguos em inúmeros conflitos internos. Em grande parte, talvez influenciados pelo Expressionismo Alemão, os antagonistas desses filmes eram personagens que pareciam exalar desejo pela violência.

Tommy Udo (Richard Widmark) é o antagonista principal de *Kiss of Death* (1947) e se tornou um dos vilões mais aclamados de todo o *Noir*. O filme mostra Tommy como um gangster, psicopata (Transtorno de Personalidade Antissocial), sádico e completamente instável, mais uma vez associando transtornos mentais com comportamentos violentos.

Décadas depois, já no *Neo-Noir*, em 1960, Alfred Hitchcock, lança um dos filmes que se tornaria um dos maiores clássicos do cinema: *Psicose*. No filme, o vilão, Norman, tendo assassinado a mãe, sofre de dupla personalidade (TDI) e fala e age como a mesma. Não muito diferente do Dr. Caligari, *Psicose* justifica os assassinatos de Norman pela sua condição psiquiátrica.

Além dos estereótipos violentos, transtornos psicológicos apareceram, também, em filmes de romance. Filmes como *Quando Fala o Coração* (1945) e *As Três*

Máscaras de Eva (1957) retratam doenças psiquiátricas (como Amnésia e TDI, respectivamente) em narrativas românticas, de forma a deixarem subentendido que o romance vivido foi a cura para suas doenças.

Trazendo para a atualidade, produções como *Se Enlouquecer, Não se Apaixone* (2010) e *Como Eu Era Antes de Você* (2016) mostram que a tendência a romantizar o estereótipo de pacientes de transtornos psicológicos se mantém. Nessas histórias, quase sempre, há um personagem que se torna a cura para o transtorno do outro, trazendo, com isso, mais dois mitos que reforçam os estereótipos de transtornos mentais: o de que quem se apaixona por alguém com transtornos psicológicos é um tipo de herói; e o de que a cura para eles é externa e não necessariamente envolve terapia e medicação.

Ganhador do Oscar, *O Lado Bom da Vida* (2012) trouxe muitas controvérsias. O filme conta a história de Pat e Tiffany. Pat é diagnosticado com Transtorno de Bipolaridade, e encontra “paz” em Tiffany (que também sofre de algum transtorno não nomeado). Além disso, o filme deixa subentendido que o amor foi o suficiente para acabar com todos os problemas psicológicos e interpessoais. O crítico do *The New Yorker*, Richard Brody, afirma que “*O Lado Bom da Vida* apresenta uma abordagem pessoal e centrada na fé e na família para manter doenças mentais em cessação”.

Seguindo o cinema, séries de TV também reforçaram os estereótipos violentos e romantizados. Contudo, passa-se a notar com mais clareza uma mudança no tom dessas representações. Em séries como *Dexter* (2006) e *Hannibal* (2013) psicopatas são retratados sob uma ótica mais humanizada, vistos como charmosos, elegantes, frios e extremamente inteligentes, quando, por exemplo, uma revisão publicada por O’Boyle em 2013, apontou que a correlação entre psicopatia e inteligência é quase inexistente.

Os 13 Porquês (2017) também causou – e ainda causa – bastante controvérsias sobre a maneira irresponsável que lidou com doenças psicológicas, mais especificamente com a depressão e o suicídio. Foram inúmeras polêmicas em torno da série, mas, talvez, a mais alarmante tenha sido por exibir uma cena explícita de suicídio – ignorando várias das indicações da OMS sobre como retratar o tema. Além da cena, comentou-se também sobre a falta de presença adulta e de ajuda profissional, juntamente com uma representação rasa e contraditória da doença, e o fato da narrativa atribuir a culpa do suicídio da protagonista a outras pessoas e não ao transtorno.

Nota-se, então, que os filmes e séries passaram a retratar esses personagens com um perfil mais agradável e até mesmo Serial Killers se tornam mecanismos de sedução para o público. Em uma entrevista sobre a atração por psicopatas para o *Los Angeles Times*, Martha De Laurentiis, Produtora Executiva de *Hannibal* (2013)⁶, disse que “a maioria de nós não quer realmente machucar as pessoas, nós não entendemos de verdade as necessidades dos assassinos, e essa tensão entre sedução e repulsão acaba sendo infinitamente fascinante”⁷. Logo, percebe-se que antes algo completamente visto com repulsa, agora se torna também algo desejável; algo que gera interesse.

REDES SOCIAIS, SUBCULTURAS E GLAMOURIZAÇÃO

A popularização das redes sociais na primeira metade do século 21 transformou plataformas como o YouTube, lançada em 2005, com o slogan “transmita você mesmo” e, posteriormente, outras como Facebook e Instagram em palcos para a criação de diferentes subculturas. Em um artigo para o *The Guardian*, Petridis (2014) defende que o desenvolvimento das redes sociais causou a morte da “verdadeira” subcultura. Com isso, ele quis dizer que, na atualidade, as subculturas possuem uma presença mais forte em plataformas online, diferentemente de décadas atrás.

“O atributo definidor das ‘subculturas’, então, reside na maneira como a ênfase é colocada na distinção entre um grupo cultural/social particular e uma cultura/sociedade mais ampla. A ênfase é na variação de uma coletividade maior que é invariavelmente, mas não sem problemas, posicionada como normal, mediana e dominante. Subculturas, em outras palavras, são condenadas a e/ou desfrutarem uma consciência da “alteridade” ou diferença.” (GELDER e THORNTON, 1997, p.05).

Baseado nessa definição, portadores de transtornos psicológicos podem ser considerados um grupo social minoritário, vítimas também de aniquilação simbólica, que necessitam de reafirmação social pela mídia. A popularização de plataformas que possibilitam o indivíduo reafirmar a própria existência aumentou a tendência de outros

⁶ Texto disponível em: <https://www.latimes.com/opinion/opinion-la/la-ol-robert-durst-jinx-psychopaths-on-tv-20150325-story.html>

Último acesso em 07/12/2018

⁷ Texto original: “Most of us don't really want to hurt people, we don't truly understand the needs that drive killers, and that tension between seduction and repulsion ends up being endlessly fascinating.”

indivíduos buscarem conteúdo com os quais pudessem se identificar, causando a criação desta nova subcultura: a de indivíduos que sofrem de transtornos psicológicos.

Uma das plataformas mais populares entre esse grupo foi o *Tumblr*, site em que os usuários criam um *microblog*. A plataforma possibilita a criação de posts, de repostar as postagens de outros usuários (*reblog*), de seguir outros blogs e mandar mensagens. O Tumblr permitia que usuários criassem e compartilhassem conteúdo sem se sentirem pressionados a se enquadrar em um comportamento socialmente aceitável. Contudo, isso se torna um problema, já que o conteúdo não enfatiza na recuperação dos transtornos, mas sim os normalizam e promovem atitudes autodestrutivas, como automutilação e distúrbios alimentares (Franzen e Gottzén, 2011), justificando essas atitudes ao ponto até de comparar automutilação à uma forma de arte.



Figura 1: Uma postagem do Tumblr, comparando o uso de lâminas à arte.

Portanto, nota-se que o conteúdo criado por esse grupo ganha um caráter de “muleta”, pois, além da tentativa de justificar racionalmente a existência de mecanismos de defesa, há uma desestigmatização desses comportamentos nocivos, de forma que, segundo Adler e Adler (2008), o comportamento social proibido, desprezado ao sigilo de indivíduos socialmente isolados, passa a pertencer ao centro de uma comunidade.

Além disso, a natureza da plataforma fazia com que a grande maioria dos posts fossem pequenos, rápidos de digerir e acessíveis. Como consequência, nem todos usuários precisariam sofrer de um transtorno psicológico para se identificarem com as postagens. Em um artigo para o *The Atlantic*, Anne-Shopie Bine (2013), usou o termo “sofrimento belo” para definir como o Tumblr e outras redes sociais estariam “redefinindo” a depressão.

Essa cultura online de sofrimento belo é fácil de participar: qualquer um pode tirar uma foto, colocá-la em preto e branco, adicionar uma frase sobre alguma dificuldade incompreendida, e automaticamente receber compaixão e pena. (REINECKE, 2013)⁸

No *Tumblr*, também eram comum posts de cenas de filmes e séries que trouxessem alguma representação de transtornos psicológicos. Séries como *Supernatural* (2005), *Skins* (2007), *American Horror Story* (2011), e, mais recentemente, *Os 13 Porquês* (2017) foram fonte de conteúdo reproduzível para esse grupo. Na primeira temporada de *American Horror Story*, por exemplo, Violet, uma garota de 15 anos, tem um romance com Tate, um paciente psiquiátrico de 17 anos, no qual os dois se aproximam por conta de seus conflitos internos e externos. Ou seja, perpetuando a ideia de “sofrimento belo”, onde o sofrimento e a “escuridão” se tornam algo desejável; passam a enxergar esses transtornos com glamour, em um fenômeno que parece resgatar do Romantismo, na literatura, a admiração pela melancolia.

INDÚSTRIA CULTURAL

As mídias de ficção que tratam de doenças psicológicas, apesar de suas exceções, continuam sendo produzidas de maneira irresponsável. Isso porque, na sociedade capitalista, a indústria cultural, segundo Theodor Adorno (1940), visa principalmente o lucro. Apesar dessa nova subcultura ter criado em conjunto um novo mercado consumidor, ainda há a necessidade de agradar o grupo dominante.

Em 1940, Adorno e Marx Horkheimer, no livro *Dialética do Esclarecimento*, criaram o termo ‘Indústria Cultural’ para criticar o modo de produção de cultura na sociedade capitalista e visando, também, mostrar como a sociedade moderna tem o poder de transformar a arte em mercadoria. Nesse meio de produção, os produtos eram pensados para o consumo em massa, por isso há uma simplificação e, muitas vezes, falsificação de características a fim de adaptar os produtos a um consumo de massa, a fim de criar um sistema: “O terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação” (ADORNO &

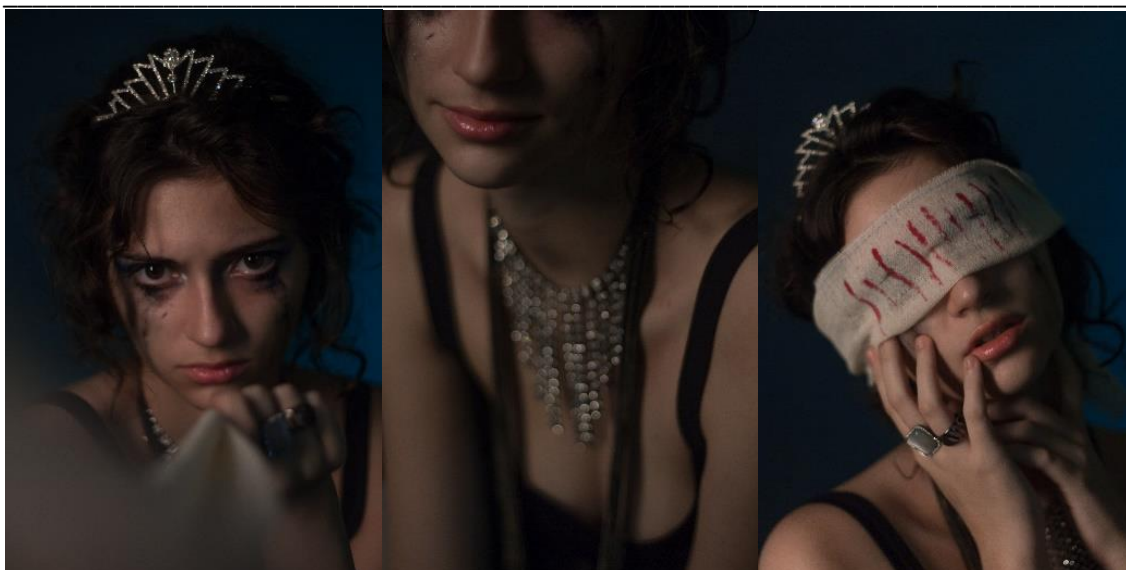
⁸ Texto original: “This online cultivation of beautiful sadness is easy to join: anyone can take a picture, turn it black and white, pair it with a quote about misunderstood turmoil, and automatically be gratified with compassion and pity.”

HORKHEIMER, 1986, p. 144). Nessa perspectiva, podemos entender que o grande interesse por trás das obras cuja representação de transtornos psicológicos são rasas e socialmente irresponsáveis é monetário.

FOTOS E ANÁLISE SEMIÓTICA

Durante a disciplina de Semiótica do curso de Fotografia da Universidade Católica de Pernambuco, foi proposto, juntamente com a produção deste artigo, a produção de um ensaio fotográfico sobre o tema e, posteriormente, a análise semiótica dessas imagens. Para a produção dessas fotos houve um longo processo criativo na perspectiva de personificar os transtornos e usar a estética da fotografia de moda como um signo do glamour. O objetivo era causar desconforto, na intenção de mostrar que a glamourização dessas doenças não é bela.

Durante a escolha dos transtornos, foi levado em consideração os mais presentes nas obras estudadas e que mais afetam pessoas. As escolhidas foram depressão, ansiedade e bipolaridade. A partir daí, foram usados acessórios para não só contribuir com o signo do glamour, mas também servirem como ícones e ajudarem na construção da ideia. Também foi feito o uso do desfoque para intensificar a sensação do desconforto e cores diferentes e um objeto principal para cada transtorno. A base para cada ensaio, além do já comentado, foram os sintomas das doenças, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – 5 (DSM-5), e os estereótipos criados sobre esses transtornos.



Figuras 2, 3 e 4 – Fotos representando o transtorno da depressão. Fonte: a autora

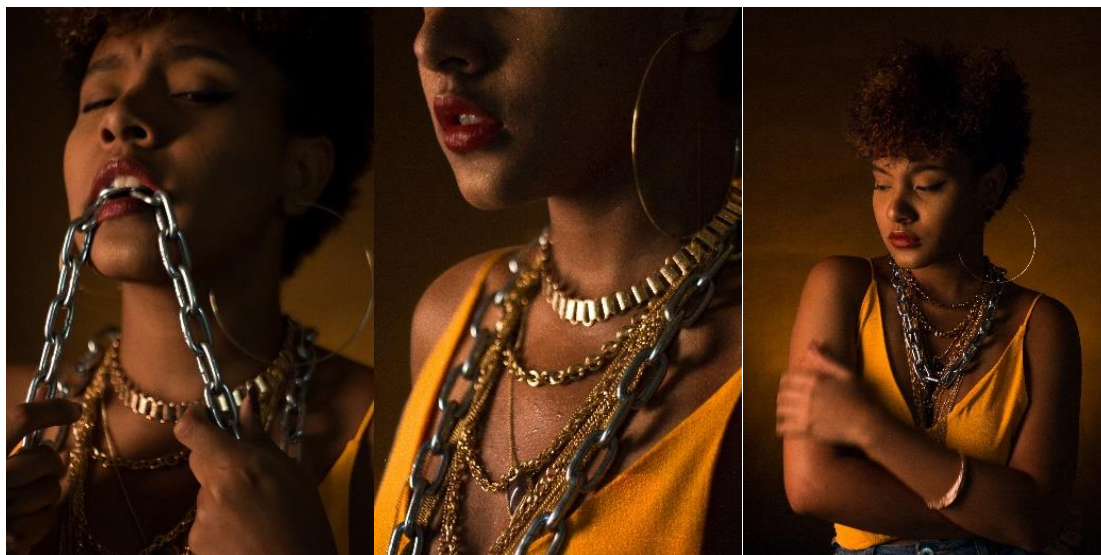
Para a depressão, o objeto principal escolhido foi uma coroa, por ser o transtorno mais presente nas obras atuais, e, por consequência, a mais glamourizada. Segundo o DSM-5, a depressão apresenta como sintomas: tristeza pela maior parte do dia; diminuição de prazer e interesse; mudanças no apetite; mudanças no sono; fadiga; sentimento de inutilidade ou culpa inapropriada; diminuição na habilidade de concentração e pensamento; pensamentos recorrentes de morte.

A escolha pela cor azul se deu por servir como ícone para o sentimento de tristeza. Na primeira imagem, o foco foi o sentimento de tristeza e a dependência emocional que muitas vezes o acompanha. A modelo foi dirigida de forma com que, enquanto mantinha uma expressão de tristeza, segurasse um pano também presente nas outras fotos. A maquiagem borrada reforça a ideia de tristeza como signo indexical.

Na segunda foto, o objetivo era retratar malícia, visto que quem sofre de transtornos psicológicos sente a sensação de que é uma luta contra você mesmo, o que saí da noção da depressão ser puramente tristeza. Nela, foi escolhido um recorte mais fechado, onde apenas metade do rosto da modelo é visível, para enfatizar o sorriso malicioso, na expressão corporal relaxada e nos acessórios que usa.

Na última foto para a depressão, o objetivo principal era falar sobre autodestruição (mais especificamente, automutilação) que, apesar de muito presente, é algo bastante incompreendido pela sociedade quando romantizado na mídia. Para isso,

foi utilizada uma atadura amarrada sob os olhos da modelo, com manchas de “sangue”, em um padrão que serve como índice para automutilação. A atadura também remete a ideia de “cegueira”, nesse caso, pelo próprio ato de se autodestruir.



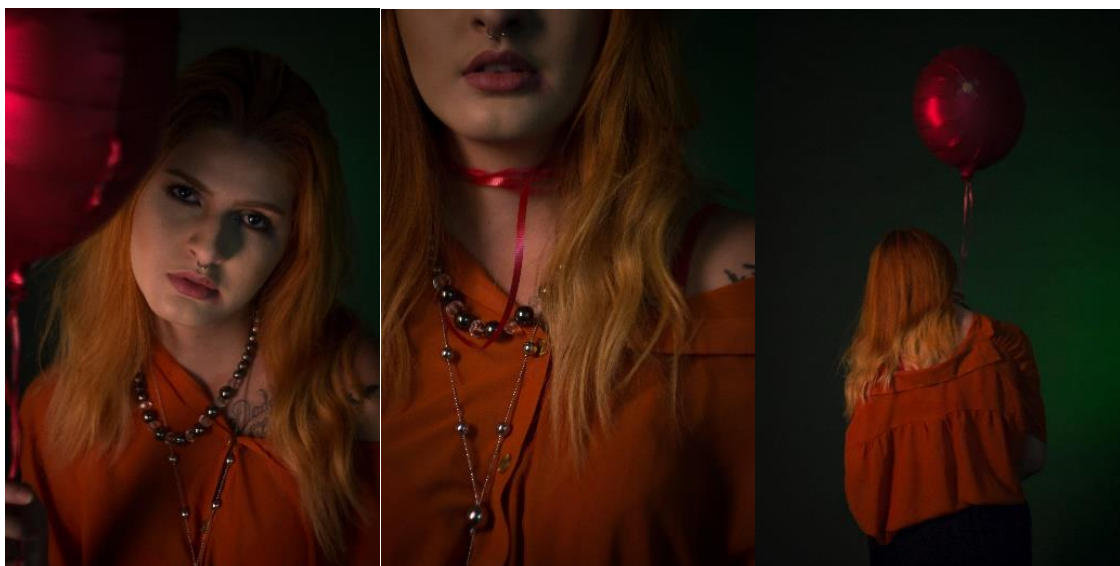
Figuras 5, 6 e 7 – Fotos representando o transtorno de ansiedade. Fonte: a autora

Para a ansiedade, o amarelo foi escolhido como cor, por ser vibrante, sendo um signo de energia. O acessório principal é uma corrente, como índice de prisão. Algumas características da doença, segundo o DSM-5, são: presença de ansiedade excessiva sobre eventos e atividades na maioria dos dias; dificuldade em controlar a preocupação; inquietação e a sensação de estar com os nervos à flor da pele; fadiga; dificuldade em se concentrar e sensações de “branco” na mente; irritabilidade; tensão muscular; perturbação do sono.

Na primeira foto, a modelo morde a corrente, como se em uma tentativa de se libertar dessa prisão. A modelo foi orientada a fazer uma expressão de incômodo, enquanto posava de modo que também remetesse a sensualidade. Essa escolha se deu na intenção de comentar sobre a romantização em si, e de mostrar que sua “corrente” não é uma característica desejável, mas sim que a incomoda.

Na segunda foto, foi mantido o recorte mais fechado, dando ênfase nos acessórios que ela está usando e no suor no seu peito. O suor servindo como índices de cansaço e nervosismo.

A última foto desse ensaio retrata a sensação de inquietação. A mão borrada enquanto ela posa para a foto é o índice que constrói essa ideia. A argola grande em só um dos lados também pode ser ligada à uma sensação de incompletude, como se algo estivesse inacabado devido à sua inquietação.



Figuras 8, 9 e 10 – Fotos representando o transtorno de bipolaridade. Fonte: a autora

O ensaio da bipolaridade foi o mais complexo em se tratando de achar signos que remetesse aos sintomas e sentimentos sem ir para o clichê. Segundo o DSM-5, os sintomas para um episódio de mania são: humor elevado; auto-estima inflada; falar muito; pensamentos descontrolados; aumento de energia; aumento de atividades ariscadas; diminuição na necessidade de dormir. Para os episódios depressivos: humor depressivo proeminente; anedonia; perda ou ganho significativo de peso; insônia ou hipersonia; perda de energia; sentimento de inutilidade ou culpa; diminuição na concentração e indecisão; ideias suicidas/tentativas.

Houve, então, a decisão de fugir dos extremos da dualidade, que é extremamente presente nas representações desse transtorno. Para isso, foram escolhidas cores opostas, no caso, laranja e verde, no lugar do preto e branco. O objeto principal foi um balão com curativos, como índice de fragilidade, de algo delicado. Também houve a escolha de não retratar nenhum episódio em específico, tentando focar no transtorno por inteiro, como algo que estaria entre os dois extremos e também de como a pessoa afetada poderia se sentir enquanto portadora da doença.

Na primeira foto, o foco foi a instabilidade, mas de forma menos agressiva. A modelo está com a cabeça inclinada enquanto seu corpo está reto, como um possível signo para instabilidade. O balão faz algumas sobras no seu rosto, contribuindo com a ideia de dualidade mais sutilmente.

A segunda foto, assim como os outros ensaios, também possui um recorte mais fechado, dessa vez dando ênfase na boca entreaberta da modelo que, pela sua expressão, passa a ideia de insegurança. Há também o cordão do balão em ênfase, que está amarrado em seu pescoço, como índice de sufoco.

A última foto fala sobre suicídio. A modelo está de costas enquanto o balão está flutuando, amarrado em seu pescoço. A expressão corporal da modelo, como se estivesse pendurada, leva ao desconforto e a associação com a morte. O curativo no balão é índice de que sua fragilidade já foi “perfurada” anteriormente.

CONCLUSÃO

As mídias de massa, enquanto agentes socializadores, evoluíram consideravelmente durante as últimas décadas, proporcionando mudanças de comportamento e percepção social nas gerações que passaram. É por conta dessa influência que a representação de grupos sociais em conteúdos midiáticos carrega tanta importância. Contudo, essa forte influência que possui sobre a sociedade nem sempre é positiva. O que antes poderia ser visto como falta de conhecimento sobre o assunto, na atualidade, percebe-se que a mídia de massas continua a propagar inverdades e estigmas sobre grupos minoritários, na intenção, principalmente, de impulsionar a venda das produções. A ausência de representações mais fiéis aos seus assuntos reais fez com que a subcultura de pessoas que sofrem de transtornos psicológicos buscasse a reafirmação social nas representações existentes, caindo então, em um sistema de glamourização e romantização, onde seu sofrimento é belo, é entretenimento, e, acima de tudo, desejável.

REFERÊNCIAS

ADLER, P. A. & ADLER, P. The Cyber Worlds of Self-Injurers: Deviant Communities Relationships, and Selves. 2008.

ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. Dialética do esclarecimento. 1 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

BINE, A. S. Social Media is redefining ‘depression’. The Atlantic. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/health/archive/2013/10/social-media-is-redefining-depression/280818/>> Acesso em: 07 dez. 2018.

BOURDIEU, Pierre. Sur le Pouvoir Simbolique. Annales, 3 (may-june), 1977.

BRODY, R. The book on “silver linings playbook”. The New Yorker. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/culture/richard-brody/the-book-on-silver-linings-playbook>>. Acesso em: 07 dez. 2018.

Depressão é a maior causa de incapacitação do mundo, diz OMS. 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2017/03/1871343-depressao-e-a-maior-causa-de-incapitacao-no-mundo-diz-oms.shtml>>. Acesso em: 07 dez. 2018.

FRANZEN, A. & GOTTZÉN, L. The Beauty of Blood? Self-injury and ambivalence in an Internet community. 2009.

FURMAN, R. & BENDER, K. The Social Problem of Depression: A Multi-theoretical Analysis. School of Social Work. 2003.

GELDER, Ken, THORNTON, Sarah. The subcultures reader. 1 ed. London: Routledge, 1997.

MASCARELLO, F. História do Cinema Mundial. Ed. São Paulo: Papyrus, 2006.

O’BOYLE, E. H., FORSYTH, D., BANKS, G. C., & STORY, P. A. A meta-analytic review of the Dark Triad-Intelligence connection. 2013.

PETRIDIS, A. Youth Subcultures: What are they now?. The Guardian. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/culture/2014/mar/20/youth-subcultures-where-have-they-gone>>. Acesso em: 07 dez. 2018.

RAMOS, Arthur. Introdução à psicologia social. 4. ed. Santa Catarina: UFSC, 2003.

SAVOIA, Mariângela Gentil. Psicologia social. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.

SILBERMANN, J. Why do we love to watch psychopaths?. Los Angeles Times. Disponível em: <<https://www.latimes.com/opinion/opinion-la/la-ol-robert-durst-jinx-psychopaths-on-tv-20150325-story.html>> . Acesso em: 07 dez. 2018.